

## **GUMERCINDO ROCHA DÓREA: GUARDIÃO CONTROVERTIDO DA MEMÓRIA INTEGRALISTA DO PÓS-GUERRA<sup>1</sup>**

*Rodrigo Christofoletti<sup>2</sup>*

**Resumo:** Gumercindo Rocha Dórea, proprietário de uma das mais importantes editoras de cunho nacionalista do país, as *Edições GRD*, criada em finais da década de 1950 ficou conhecido por publicar grande parte dos escritos integralistas no período pós-guerra. O texto apresenta o caminho ambíguo perseguido pelo editor entre o aperfeiçoamento das técnicas de difusão da ficção científica existentes no Brasil e seu conservadorismo militante.

**Palavras chave:** Gumercindo Rocha Dórea; Edições GRD; Integralismo.

**Abstract:** Gumercindo Rocha Dorea, owner of one of the most important publishers of a nationalist character of the country, GRD Editions, founded in the late 1950's became known for publishing many of the fundamentalists written in the postwar period. The paper presents the ambiguous path pursued by the editor of improving techniques for the dissemination of science fiction in Brazil and its militant conservatism.

**Keywords:** Gumercindo Rocha Dorea; Edições GRD; Integralism.

Quer compreender a obra? Compreenda, antes, seu artista,  
Pois, entre o criador e a criatura há um quê de ténue, um algo de  
performance incompreensivelmente plasmada nas convicções e ideias do  
autor:  
é o ato autoral que distingue os criadores dos copistas,  
(Wilhelm Von Mises)

As palavras do economista austríaco, Von Mises, um dos mais relevantes pensadores da direita liberal no século XX, descritas acima, nos remetem às delimitações ainda hoje pouco precisas sobre as fronteiras existentes entre a criação, o ato de criar e o executor da obra. A afirmação é corroborada pelo militante integralista,

---

<sup>1</sup> Este texto sintetiza partes de um capítulo da tese intitulada: A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961) defendida no CPDOC/FGV, 2010.

<sup>2</sup> Doutor em História Política e Bens Culturais pela FGV/CPDOC. Professor da Universidade Católica de Santos – Unisantos.

Gumercindo Rocha Dórea, aferição com a qual balizou parte significativa de sua obra editorial, uma vez que, sempre a entendeu como

[...] parte fundamental das vicissitudes enfrentadas por muitos integralistas, ao longo de suas trajetórias, todas elas mais trágicas que cômicas, mais solitárias que compartilhadas (...) não podendo por isso, dissociar suas idealizações dos produtos que delas resultaram (DÓREA, 1957: 98).

Levando em consideração tais apontamentos, destacamos que dos autores vinculados à terceira geração de autores atrelados ao integralismo (geração dos anos 1950), Gumercindo Rocha Dórea, é hoje, o mais relevante membro integralista ainda vivo. Demarcar pontos que liguem as memórias deste militante e a história que se registrou sobre sua trajetória, se faz, portanto, bastante relevante, sobretudo pela oportunidade de se entender as dissonâncias do *discurso pronto* deste militante.

A metodologia de história oral nos permite interpretar a relação dual imposta pela ciência moderna entre o sujeito/produtor do conhecimento e sua produção, ou seja, os sentidos atribuídos por ele às coisas (relação esta tão bem analisada por Boaventura de Souza Santos: 1985), justamente porque na história oral a fonte é por natureza produtora de significados. Neste sentido, ao entrarmos na vida de pessoas por meio das entrevistas é preciso que levemos em conta a diversidade de papéis que estas assumem, ou ainda por quais campos de possibilidade estas passam e se adaptam para realizarem seus projetos de vida, tal como nos revela Gilberto Velho, nos seus escritos sobre *projeto*, pois isso pode nos aproximar do depoente.

A consciência e a valorização de individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva, mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro desta trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais estes poderão ser atingidos. (...) Assim, o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade (VELHO, 1994: 45).

O caso específico de Gumercindo Rocha Dórea, editor e proprietário das Edições GRD uma editora de cunho nacionalista, é paradigmático se refletirmos sobre o papel crucial que desempenhou na campanha de revalorização do integralismo ao longo dos anos 1950, e com mais ênfase a partir de 1957. Esta relação nutre a ideia de uma

dialética entre o dito e o interdito, entre o não dito e o supostamente dito. Para clarificar melhor esta ideia, entendo ser interessante aprofundar a análise de alguns depoimentos deste integralista que em diversos momentos buscou desdizer ou desmentir afirmações que teria proferido na época em que militava e vivia a doutrina no seu dia a dia.

Poderíamos até entender que se trata de algo natural, uma vez que este poderia ter modificado sua percepção dos fatos, cinquenta anos depois. No entanto, parece-me pertinente ponderar que tais depoimentos são construídos numa base bastante diferente das narrativas apresentadas pelo depoente registradas nos jornais e mesmo na historiografia especializada. Há um super dimensionamento dos fatos, um floreio nas circunstâncias e uma visão rósea dos acontecimentos que, via de regra visam enaltecer o papel do integralismo no momento de suas celebrações. O dito, o não dito e o interdito, como partes de um mesmo discurso. Seus depoimentos mostraram de maneira ativa como se efetivaram alguns empreendimentos integralistas nos anos 1950/60. Exemplos são: os Centros Culturais da Juventude (grêmio cultural com claros rompantes políticos) e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*.<sup>3</sup> O primeiro: os aprendizes da ideologia; o segundo: o instrumento de doutrinação, elementos que servirão de pontes para a nossa análise.

### **Um editor combativo**

Você acredita estar dourando alguma pílula, mas está,  
na verdade, oxidando, enferrujando nossas memórias...  
muito do que se conta é inverídico, muito do que aconteceu não se conta (...)  
o que eu disse não foi o que eu disse!  
(Gumercindo Rocha Dórea, em entrevista no verão de 2002)

Gumercindo Rocha Dorea é proprietário das *Edições GRD*, editora fundada em 1956 e que publica (permanece ativa) dentre outras obras, livros de filosofia em geral e também obras de e a respeito de Plínio Salgado, bem como sobre o integralismo e

---

<sup>3</sup> A *Enciclopédia do Integralismo* (e não, *A Enciclopédia Integralista*) como, muitos pesquisadores, inadvertidamente, se referem ao compêndio foi um conjunto de 12 volumes editados entre os anos de 1957 a 1961 que visavam justamente a reformulação das alegorias integralistas.

temáticas ligadas a este movimento.<sup>4</sup> Sua editora foi no Brasil, a primeira a lançar obras de ficção científica, e este não é um fato isolado ou menor, pois se trata de um período de clara tendência e definição ideológica e política, em que o comunismo e o capitalismo iniciavam suas incursões espaciais, detectadas de maneira bastante consistente nos livros publicados pela GRD.<sup>5</sup>

Nascido em Ilhéus, BA, em 4 de agosto de 1924<sup>6</sup> (tem, portanto, 87 anos) passa a fazer parte da AIB, ainda menino, aos oito anos de idade, na qualidade de *pliniano* (juventude integralista). Em entrevista ao jornal *Folha da Tarde*, em 1988, por pretexto de uma reportagem sobre editores e editoras no Brasil pós Plano Cruzado, Dórea esclarece como chegou ao integralismo:

[...] Na verdade foi pelas mãos de um professor que eu cheguei ao integralismo... minha família nada tem a ver com isso. Eu achava bonito aquelas filas, uniformes etc... e meus pais não sabiam, assim como muitos naquele tempo do comecinho do integralismo, o que era realmente este movimento. Então, fui apresentado e aquilo calou fundo em mim. Mas, diferente de muitos que entraram porque achavam só bonito e glamuroso usar os uniformes, eu entrei porque achava forte aquela molecada toda trabalhando na escola os trabalhos escolares sobre o Brasil... A gente até saía da praça correndo quando a gente sabia que ia ter aula de história do Brasil com aquele professor... Atanázio... e íamos todos felizes da vida, pois acreditávamos porque ele havia ensinado isso para a gente, que rezando a bandeira e aprendendo a amar o Brasil, seríamos uma nação melhor. Não

---

<sup>4</sup> O catálogo da editora abrange uma gama variada de publicações que vai de uma série de livros sobre a história brasileira até diversas séries de ficção científica. Aliás, a Edições GRD foi a pioneira neste estilo de publicação no Brasil. A partir dos anos 1960, a GRD passa a publicar eminentemente edições de livros nacionalistas, integralistas e de cunho católico. Gumercindo Rocha Dórea foi responsável por publicar as primeiras edições de autores, hoje consagrados, como, por exemplo: Nélide Piñon, Gerado Mello Mourão, Ruben Fonseca, Astrid Cabral, José Almeida Pinto, dentre outros.

<sup>5</sup> Ver: CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A controvertida trajetória das *Edições GRD* – entre as publicações nacionalistas de direita e o pioneirismo da Ficção Científica no Brasil**. Revista Miscelânea. Unesp/Assis. Set. 2010. Foi no contexto da luta armamentista sideral, que a busca por este novo gênero literário se acentuou. As notícias de aparecimento de discos voadores, a cibernética, o estudo das novas teorias astronômicas, as modernas concepções biológicas e psicológicas, o exame mais aprofundado dos fenômenos paranormais, como a telepatia, a percepção extra-sensória e a tele cinese, e, finalmente, a devassa sideral pelos "*sputniks*" - incentivaram Gumercindo Rocha Dórea a lançar a sua *Coleção Ficção Científica* pelas *Edições GRD*, publicação que editava de maneira intercalada às obras nacionalistas, integralistas e de matizes congêneres. A *Ficção Científica GRD* se tornou a mais importante coleção de ficção científica da sua época no Brasil. Por isso, Fausto Cunha, então um respeitado crítico literário, chamou esse grupo de autores de "Geração GRD", nome pelo qual aquele momento chegou até os poucos escritores, fãs e pesquisadores interessados por ficção científica na década de 1980.

<sup>6</sup> Filho de Alcino da Costa Dórea que à época do nascimento de Gumercindo era considerado uma dos maiores produtores de cacau da Bahia. Diversificou seus negócios tornando-se também usineiro de açúcar e dono de pedreira.

fosse, inicialmente, o hino e a bandeira verde e amarela, eu nunca seria integralista. Foi isso que me levou ao movimento. Ta aí a força do movimento naquele momento: despertava nas pessoas, mesmo nas jovens, este apelo pelo nacionalismo que eu aprendi a prezar tanto!” (DÓREA, 1988).<sup>7</sup>

Ainda em entrevista ao jornal, afirma ter ficado na Bahia, em Feira de Santana, onde já adolescente manteve disputas ideológicas bastante estremecidas com nomes que se tornariam consagrados pela intelectualidade de esquerda, tais como Jacob Gorender, Mario Alves dentre outros, o que colaborou para que ele partisse para o Rio de Janeiro, em 1944. Em muitas de suas entrevistas, relembra que suas maiores disputas intelectuais foram travadas com estes professores de renome, que eram todos de esquerda e que conjugavam uma ideologia diferente da sua. Nacionalismo, sistema de governo, militância e eleições, além de personagens como Getulio Vargas, Plínio Salgado e Luiz Carlos Prestes sempre foram alvo das discussões acaloradas dos jovens professores baianos. “A falta de interlocução e a difícil missão de levar aos estudantes um sentimento de nacionalismo, ao invés do universalismo que o comunismo pregava, me incentivaram a mudar, a buscar em outros campos interlocuções que na Bahia eu já não dispunha mais!”.<sup>8</sup>

No Rio de Janeiro, em pleno estertor do Estado Novo, Dórea se forma em Direito. Na faculdade foi aluno de integralistas, tais como, San Thiago Dantas, Antonio Galotti, Thiers Martins Moreira (não por acaso, todos homenageados com textos publicados na *Enciclopédia do Integralismo*). De 1948, ano em que se forma advogado, até 1952, Rocha Dórea escreve em jornais de cunho conservador (foi, inclusive redator do jornal *Folha Carioca*) e exerce sua verve crítica contra o comunismo. Escreve para o semanário integralista *Idade Nova*, jornal dirigido por Raimundo Padilha, substituído pelo jornal *A Marcha*, como órgão oficial do PRP. No mesmo ano de 1952 Dórea ajuda a fundar o primeiro Centro Cultural de Juventude, de quem é o seu primeiro presidente. Em 1956 fundou sua editora e em 1957 passou a integrar a diretoria do jornal *A Marcha*.<sup>9</sup> Portanto, foi protagonista nos mais significativos eventos de consolidação do integralismo no pós-guerra. Sobre estes episódios relata:

---

<sup>7</sup> Entrevista com editores do Brasil. **Folha da Tarde**, 13 de julho de 1988.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> O jornal *A Marcha* detinha uma característica diferenciada dos seus congêneres: não possuía repórteres, mas sim articulistas que escreviam periodicamente no jornal.

Reuniram-se os grupos, os grêmios, os centros culturais de todo o país, 18 talvez. Então, criou-se a Confederação dos Centros Culturais, eu me lembro bem. Vinha chegando de uma reunião, e vi um rapaz saindo, então, perguntei: já foram feitas as eleições para a presidência dos Centros? Sim, disse o rapaz. Foi um tal de Gumercindo Rocha Dórea... ah, sim: tergiversei, ri por dentro, era eu, e o rapaz nem sabia! Me lembro bem desde então, quantas vezes estivemos eu e o chefe, Plínio visitando estes coronéis milionários (avôs dos grandes latifundiários de hoje) pedindo um pouco de dinheiro para os centros... e sem vergonha alguma porque era por uma boa causa, nós cumprimos nosso papel. Eu e o chefe éramos muito próximos! (ROCHA DÓREA, 2007).

Estes jovens militantes, novas gerações de integralistas, muitos filhos de partidários, outros apenas simpatizantes que viam no PRP e no grêmio estudantil uma forma de fazer política, eram chamados de *Águias Brancas*, em alusão contrária ao apelido fixado pelos seus adversários (os comunistas, socialistas e alguns liberais) de galinhas verdes. Segundo Gumercindo o nome foi dado pelo próprio Plínio Salgado, para homenagear a ave que, embora não existisse no Brasil, representava a semelhança do gavião brasileiro. Gumercindo ainda lembra com bastante pesar sobre uma das cerimônias dos 25 anos do integralismo em 1957, quando um garoto chamado Plínio (sic) teria recebido do pai, Pimenta de Castro, um *Águia Branca*, a tocha que significava a passagem de geração: “ele era um *Águia Branca*... Mas depois, veio o Rolando Corbisier, que era meu amigo, integralista nos anos trinta, pegou o Plininho (o jovem integralista homônimo do chefe) ensinou o marxismo pra ele... Como acontece um negócio destes?” (ROCHA DÓREA, 2005)

É interessante perceber que nas memórias de Rocha Dórea a dicotomia entre permanência/desistência do movimento sempre o marcou como um ponto chave de sua percepção sobre o movimento. Para Dórea, o fato de um integralista, filho de integralista, de educação e verve integralistas, se transformar em antípodas, era, no mínimo (sic) um “desserviço para a nação”. Não entendia como nomes consagrados como Roland Corbisier e San Tiago Dantas, isso para não citar Hélder Câmara e outros, acabaram por professar a ideologia antítese do integralismo. Esse fator ficaria ainda mais claro em finais dos anos 1950 quando a definição ideológica se acirrou ainda mais graças a conjuntura política vigente.

Cinquenta anos após a inauguração de sua editora todo o esforço de Rocha Dórea, nas diversas entrevistas em que mantivemos contato, seguiu no sentido de demonstrar que sua intenção fora sempre a de preservar a memória do integralismo. No

entanto, esta pesquisa indaga quanto ao real propósito deste empreendimento: se fora pensado como uma plataforma para que os integralistas rememorassem suas façanhas, seus feitos, ou se fora criada para lançar novos desafios àquele integralismo enfraquecido, dissonante e pouco representativo de finais dos anos 1950? Talvez as duas coisas.

E neste momento, parece-nos claro, sobretudo se levarmos em consideração a opinião pública expressa pelos jornais de grande circulação, que as preocupações políticas da época caminhavam por itinerários bem diversos do sugerido por Dórea. Para muitos, aquele integralismo estava mais para uma anedota do que para uma preocupação nacional. Neste sentido, nos surpreende que Gumercindo Rocha Dórea tenha sido alvo de interesse da mídia, na década de 1980, pois esta situação contrasta sobremaneira com a ideia de fracasso editorial de Rocha Dórea, impingida em vários anos por parte de alguns especialistas da área.

Em entrevista à revista *Isto É!*, de maio de 1987, Rocha Dórea sustenta que, a despeito de ser caracterizado como o “fruto brasileiro do fascismo, e que por isso o integralismo angariou desafetos inomináveis, este movimento vislumbrava apenas o bem da Nação”.<sup>10</sup> Nesse sentido, é significativo que o próprio discurso de Dórea tenha sido impregnado pela compreensão de que os integralistas do pós-guerra não passavam de uma ala antagonista, não havendo por parte da cúpula do Partido de Representação Popular- PRP (corolário da Ação Integralista Brasileira - AIB), nem dos quadros mais representativos do integralismo a preocupação sistemática de se preservar a história do integralismo pós-45.

O fato de manter-se na órbita política, ora como antagonista do processo democrático, ora como base de sustentação deste mesmo processo, aponta para uma confusa compreensão por parte dos integralistas de qual seria, a princípio, seu real papel na ordem política vigente. Sem clareza de qual função desempenharia, termina por perder-se em contradições que afastaram o movimento da busca por suas raízes e suas memórias. É, portanto, uma proposta conjunta de Gumercindo Rocha Dórea e Plínio Salgado que busca reparar a pequena preocupação que se tinha com relação aos registros, memórias e histórias do movimento. A *Enciclopédia do Integralismo* faz parte

---

<sup>10</sup> Relembrando o Integralismo. *Isto É!*, maio de 1987, p.56.

deste processo de reavaliação e reconstituição das memórias integralistas, um produto desta necessidade de se registrar a história do partido, dos diretórios e das eleições em que o movimento integralista tivesse participação, nos anos trinta ou no período pós-guerra.

No período em que o compêndio é publicado, a preservação da memória do movimento, muito em função da garimpagem realizada por Rocha Dórea passou por uma profunda transformação. É com a indicação de Rocha Dórea para assumir a diretoria do jornal *A Marcha*, em meados de 1956, que se inaugura a prática de preservação dos documentos, depoimentos e referências fundamentais sobre o integralismo pré-guerra e mesmo pós 1945. Decorre deste episódio um aprofundamento do modo sobre como e o que preservar dentro do integralismo. É justamente este o período em que o editor da *Enciclopédia* passa a selecionar os escritos do compêndio, em seções dos próprios diretórios municipais e estaduais do PRP, jornais de circulação encerrada e tiragens esgotadas.

Outra faceta bastante explorada nos depoimentos é sua trajetória enquanto editor. Rocha Dórea, por diversas vezes se auto intitulou “um editor mal compreendido pelo mercado”.<sup>11</sup> Após cinquenta anos editando livros, Gumercindo Rocha Dórea se ressentia de não ter recebido o mesmo tratamento por parte dos antigos escritores que lançaram livros por sua editora, os que ele denomina de “antigos afilhados” e mesmo por parte da crítica editorial especializada. Seja como for Gumercindo parece ter, aquilo que o crítico literário Antônio Candido chamaria de “agulhas finas para mexer no nervo da questão”. Misto de intenção e intuição, o projeto de integralismo contido na *Enciclopédia* e nos diversos depoimentos de Gumercindo Rocha Dórea, em muito corroboram o que este editor disse há cinquenta anos, quando do lançamento da *Enciclopédia do Integralismo*: “Estes são os fatos que a memória e a história brasileiras buscarão esclarecer”.

Nesse sentido, as memórias de Gumercindo Rocha Dórea merecem ser analisadas em uma dupla chave de interpretação: como um projeto individual e coletivo, pois os integralistas conseguiram estabelecer uma definição comum de realidade, que se traduziu numa construção de “símbolos compartilhados, linguagem e gramaticalidade comuns, ou seja, elementos inseridos no processo de interação e negociação da

---

<sup>11</sup> Entrevista G. Rocha Dórea, 21/07/2007.



realidade, expectativas e desempenhos de papéis congruentes (...)” (VELHO, 2003: 17) que fizeram do integralismo uma base onde se poderia desenvolver tal cultura política.

As noções de projeto e campo de possibilidades, desenvolvidas por Gilberto Velho, nos ajudam a aprofundar essa análise – “relacionando projeto, como uma dimensão mais racional e consciente, com as circunstâncias expressas no campo das possibilidades, inarredável dimensão sociocultural, constitutiva de modelos, paradigmas e mapas” (VELHO, 2003: 8). Para o autor, é nessa dialética que “os indivíduos se fazem, são constituídos, feitos e refeitos, através de suas trajetórias existenciais” (VELHO, 2003: 8).

Com base nessas noções, assume-se a premissa de que o motivo de Rocha Dórea e seus coligados publicarem o compêndio da *Enciclopédia do Integralismo* foi o encontro e a sinergia de projetos individuais distintos, mas que compartilhavam de uma rede de significados e de sociabilidade, sendo o integralismo elemento comum no campo de possibilidades intelectuais de seus membros.<sup>12</sup> Segundo Gilberto Velho, os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios (VELHO, 2003: 46). A noção de metamorfose, também trabalhada pelo autor, ajuda a entender essa dinâmica inerente aos projetos individuais, pois, “a metamorfose possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos uma dimensão biológico-psicologizante que se transforma não por volição, mas porque faz parte da construção social de uma dada realidade” (VELHO, 2003: 29 e 30).

Gumercindo Rocha Dórea, expressa com relativa clareza e consciência o processo de metamorfose de seu projeto individual. Sua própria história profissional, que combina diferentes experiências, é o retrato deste processo, pois, como também ensina Gilberto Velho, “no plano individual, a participação em mundos diferenciados e o desempenho de múltiplos papéis levam ao desenvolvimento de um potencial de

---

<sup>12</sup> Aqui nos reportamos à noção de *campo intelectual* no sentido atribuído por Pierre Bourdieu (2001), ou seja, espaço social de dominação e de conflitos. Cada campo tem certa autonomia e possui suas próprias regras de organização e hierarquia social. Como em um jogo de xadrez o indivíduo age e joga segundo sua posição social neste espaço delimitado.

metamorfose particularmente rico” (VELHO, 2003: 68). Através da sua fala é possível observar como seus projetos se transformaram e se adaptaram.

Em consonância com a afirmação da historiadora Ângela de Castro Gomes, para quem o guardião “é um profissional da memória” (GOMES, 1996: 7), a sugestão é que a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* também deve ser entendida como um meio para Rocha Dórea atingir aspiração maior, a de se legitimar como um guardião da memória integralista, pois, o projeto existe, antes de tudo, no mundo da intersubjetividade. A concretização da *Enciclopédia do Integralismo* oficializa Rocha Dórea como um guardião dessa memória. E a aceitação por parte da militância do movimento, o legitima nesta condição. Neste contexto, a história de vida de Rocha Dórea ganha relevância, uma vez que congrega fatos enunciativos desta aceitação e concretização.

Após um período de desqualificação como gênero, a biografia recuperou lugar de destaque no interior dos estudos históricos justamente por sua capacidade de transcender a história pessoal e de revelar as relações entre indivíduos e sociedades. Essa relação entre individual e coletivo foi a maior motivação para tentarmos registrar, através da sua narrativa de história oral, a trajetória de vida de Rocha Dórea. Considerando esse aspecto, pode-se dizer que o momento para o registro da narrativa de história de vida de Gumercindo foi muito interessante para os fins deste trabalho, pois, ainda parafraseando Ângela de Castro Gomes, “há momentos e motivações especiais que marcam o início da carreira de um guardião da memória. Eles são emblemáticos e passam a dominar a trajetória de vida daqueles que se imbuem de tal tarefa” (GOMES, 1996: 7-8). A publicação da *Enciclopédia do Integralismo* e sua revisitação, cinquenta anos depois de ser lançada representam sem dúvidas este momento na vida de Dórea.

### **A GRD Edições: braço direito de Rocha Dórea**

-Vendeu?

-Sim...

-Mas todos?

-Sim, todos!

- Então quero receber...

- Mas, hoje não é dia de pagamento!

- Então quando é para eu vir receber?

Isso eu já não sei!

Ser um editor sério, que não se vende ao jogo do sistema é isso!

(...) Cansei de ver esse filme.  
(Notícias do Rio – GRD e minha trajetória –  
(Gumercindo R. Dórea. Jornal da Tarde. 30/8/1986).

Muitas das transformações sociais, culturais e simbólicas do período pós-guerra estimularam os indivíduos, as famílias, as novas classes, a procurar não no passado, mas no presente seu fortalecimento, pois o passado representava o atraso, ao passo que o presente, a possibilidade do novo. Diametralmente opostos a esta posição estavam os integralistas, que remando a jusante da corrente, insistiram na preservação do passado como legitimador de suas ações. Buscaram nos seus antecedentes apoio para suas realizações. Aliás, aos olhos integralistas dos anos 1950, a recorrência ao passado sempre foi eficaz na busca de justificar suas atitudes.

Estes integralistas lançaram mão de estratégias para se aproximarem da militância, que incluíam entre vários eventos, ritos coletivos de recordação que se consubstanciavam em cerimônias cada vez mais afetivas. Percebe-se que as celebrações implicam, portanto, numa clara finalidade revivescente, que busca colocar em pauta processos comuns à construção das diversas memórias integralistas (re-fundação, identificação, filiação, distinção, finalismo). E, se as comemorações integralistas parecem ser um culto nostálgico que focaliza apenas as conquistas de seu passado, tal passado é oferecido como modelo a ser seguido pelo presente e o futuro do movimento. Assim, o rito insinua uma concepção repetitiva e cíclica cujo significado último é determinado pela crença na irreversibilidade do tempo. Estes integralistas demonstravam sustentar o seguinte pensamento: se em tempos progressos o integralismo quase chegou ao poder, o que os impediria de flertarem com ele novamente?

Frente a algumas questões bastante capciosas para a época, tais como - em que este movimento do pós-guerra se difere daquele dos anos 1930? Ou, até que ponto celebrar o passado não significa prender-se a ele? - estes integralistas tentam respondê-las utilizando um discurso gerado nos anos 1930, sobretudo com relação a algumas posturas ideológicas, vivificando a ideia da vocação do integralismo como destino. Neste sentido, em diversos escritos dos anos 1950, a noção de predestinação integralista é repetidamente utilizada como marca retórica de um discurso que visava seduzir, sensibilizar o receptor das mensagens para que este continuasse acreditando que a força integralista não apenas havia nascido nos anos 1930, mas “permanecia audaz e forte, no

presente” (DÓREA, 2009). Para isto, os integralistas do pós-guerra utilizavam os jornais do partido, (tanto os regionais como o oficial, *A Marcha*), os programas de rádio e os discursos de seus líderes, sobretudo do chefe, P. Salgado para rememorar e revitalizar a proposta de futuro/baseada no passado, tão cara aos integralistas.

A força deste discurso encontrou em finais dos anos 1950 palco privilegiado para ser posto em prática e a *Enciclopédia do Integralismo* – instrumento utilizado para reavivar tais memórias, bem como a versão de algumas histórias contadas a partir das lentes integralistas, aparecem ambas como apanágio de um grupo que buscava reavivar o passado. Gumercindo Rocha Dórea desempenhou papel de destaque neste grupo, o que concedeu às investidas do editor quixotesco status de referência para muitos daqueles que ainda viam no movimento algo de inspirador. Trabalhando como um catalisador de propostas Gumercindo e suas incursões editoriais, sobretudo, a *Enciclopédia do Integralismo* funcionaram como elementos inspiradores de uma geração achatada pela eterna comparação com seus antecessores.

Para tanto, elegeu um palco novo na disseminação da doutrina integralista, em tempos de democracia. As *Edições GRD*, empresa editorial que juntamente com a *Livraria Clássica Brasileira* exercia o papel de difusora oficial do movimento integralista, tornou-se mais que uma mera publicadora de livros de cunho doutrinário.<sup>13</sup>

As *Edições GRD*<sup>14</sup> renovaram a literatura nacional, com autores que alcançaram grande projeção, lançando os seus primeiros livros. Entre eles destacam-se: Nélida Piñon, Rubem Fonseca, Fausto Cunha, Gerardo Mello Mourão, Astrid Cabral, Marcos Santarrita, entre outros. A *GRD* também manteve uma coleção de política internacional, além de obras sobre ciências humanas. Com mais de trezentos e cinquenta títulos publicados as *Edições GRD* apostaram em uma estratégia *suigeneris* para publicar e publicizar os textos de seus autores. Nas palavras de Rocha Dórea, a *GRD* não fabricava ou promovia “um escritor através da mídia, mas tem descoberto talentos que hoje são

---

<sup>13</sup> De acordo com a historiadora Márcia Regina Carneiro, *GRD*, expandiu suas idéias anti-marxistas e autoritárias, pelo interior do Brasil por meio dos pequenos jornais que reproduziam seus artigos originalmente escritos na *Revista Convívio*. No interior e nos quartéis, seus artigos tinham seus leitores e admiradores, mesmo após a ditadura. “Se havia publicação é porque havia demanda” afirma *GRD*.

<sup>14</sup> Além de possuir mais de 400 livrarias ou pontos de venda no território nacional, a *Livraria Clássica Brasileira* ficou irremediavelmente marcada por ser uma facilitadora das edições da *GRD Editora*, distribuindo de maneira sistemática grande parte do acervo ligado ao catálogo da editora. Fonte: *A Marcha*, out. 1963.

reconhecidamente renomes na literatura recente (...) somos uma editora de boca a boca e de pé quente!”<sup>15</sup> Em 1998, no trigésimo segundo aniversário da editora, Gumercindo Rocha Dórea rememorou passagens de sua trajetória, de advogado poliglota a editor de diversos livros:

Costumo dizer que é um problema de sonho e realidade: conforme ia ampliando minha formação intelectual, constatava que quase todas as obras essenciais do conhecimento humano não se encontravam traduzidas para nossa língua. E tive, portanto, que aprender várias línguas, que hoje leio razoavelmente. Sonhei, então, lançar essas obras em nossa língua, mas não realizei este objetivo, o que lamento muito! Então, enveredei por outros caminhos, bem mais difíceis como o de descobridor de autores novos, descortinando os horizontes da ficção científica, de diversas áreas do político (...) e isso me dá a sensação exata de que ser editor é, nada mais, nada menos, que uma vocação.<sup>16</sup>

Mas, se Dórea se compraz em ser um editor *outsider*, que não cede “aos jogos do sistema editorial capitalista antropofágico”, como o mesmo dizia, não esconde a frustração de se ver hoje muito aquém do que esperava, sobretudo do ponto de vista material:

É realmente muito frustrante, sobretudo no sentido material, especialmente para uma iniciativa que não tem uma sólida base financeira. Senão, veja: vence o editor que considera o livro como uma cachaça, um feijão ou um arroz, pois o livro é, para eles, antes, um objeto de consumo. Se dá dinheiro, muito bem, senão fecham-se as portas. (...) Inclusive a gigantesca barreira em que se constituem as livrarias são outros obstáculos para um editor que não vende apenas uma mercadoria (...) sem falar na patota dos noticiaristas de livros, asseclas de grupos ideológicos financiados por uma caligrafia duvidosa!<sup>17</sup>

Laurence Hallawell, que se dedicou ao estudo do livro no Brasil, afirma que as *Edições GRD* tiveram uma importância substancial na transformação editorial no país, pois, além de lançar muitas obras de literatura nacional que viriam a se consagrar, publicou algumas das mais notáveis reedições da década, sendo seu período de maior atuação os anos 1960. Entretanto, para Gumercindo R. Dórea, a editora continua ativa,

---

<sup>15</sup> Entrevista com o depoente. 20/03/2008.

<sup>16</sup> Dórea relembra o que chamou de “lição de humildade” ao batizar sua editora: “Augusta, minha mulher diz que eu ter usado as iniciais de meu nome para designar a editora, é antes de tudo uma “lição de minha humildade”. Não existe José Olympio? Martins Fontes? Pois, Augusta não deixa de ter razão!”. Humildade? O comentário fala por si.

<sup>17</sup> GRD: Jornalista e editor com mais de 300 títulos. Literatura: *Suplemento de Cultura do Jornal de Ribeirão*. Ribeirão Preto, 24 de dezembro de 1998, p.11.

publicando menor número de títulos, na sua maioria, livros vinculados ao nacionalismo, dos quais os relativos ao integralismo recebem sua maior atenção. Entrevistado em fevereiro de 2008, ainda abalado pela recente morte de sua esposa, com quem ficou casado por mais de meio século,<sup>18</sup> Dórea contestou reiteradamente a ideia propalada por Hallowell, de que a GRD havia sido desativada:

Fui muito mal tratado por esses escrevinhadores de histórias dos livros no Brasil. E até hoje sou. Agora que estou viúvo posso dizer. Só minha esposa sabe o quanto isso tudo me fez mal! A GRD não cessou suas atividades em meados da década de 70, mas sobrevive bravamente até hoje. Sou um editor sem recursos e publico apenas boa literatura e coisas em que realmente acredito. Se eu fosse compactuante como muitos outros, decerto estaria rico, mas mesmo assim continuaria integralista (ROCHA DÓREA, 2007).

Nas informações fornecidas por Hallowell e Dórea percebem-se duas interpretações diferentes com relação à desativação da editora. A primeira baseada em fontes estatísticas, bem como na análise conjuntural da editoração de livros no Brasil no período dos anos 1960, e a segunda, baseada num certo sentimento de preservação, tão comum por quem nunca abandonou a militância. É notável perceber a relutância de Dórea com relação ao término das suas atividades à frente da editora, pois, desde seu primeiro lançamento, em 1956, o livro de Hebert Parentes Fortes, que era integralista e fora seu professor, intitulado *Filosofia da Linguagem*, que rodou dois mil exemplares tirados na gráfica da *Folha Carioca S. A.* no bairro do Santo Cristo, no Rio de Janeiro, Dórea prometeu em texto “jamais cessar suas atividades de editor de livros a não ser por sua própria morte”.<sup>19</sup> Era o próprio Rocha Dórea quem garimpava, encontrava, editava, publicava, cobrava, recebia e não recebia, segundo o mesmo – mais o segundo do que o primeiro - o que fez o editor lançar mão de estratégias bastante comuns nos anos 1950 e 1960 para incrementar suas vendas. A chamada *dúzia de 13* era um de seus estratagemas. Se o livreiro comprasse uma dúzia de exemplares recebia treze, o 13º de

---

<sup>18</sup> Rocha Dórea foi casado com Augusta Garcia Rocha Dórea, também militante integralista e escritora. Augusta ganhou o primeiro lugar no Concurso da Prefeitura de São Paulo escrevendo sobre o bairro da Aclimação. Também foi responsável pela publicação da antologia: *O pensamento Revolucionário de Plínio Salgado* (com duas edições publicadas pela Voz do Oeste), o *Romance modernista de Plínio Salgado* e *Plínio Salgado: um apóstolo em terras de Portugal e Espanha*, esta pela GRD. O casal se conheceu em um dos Centros Culturais da Juventude onde desde meados dos anos 50 militaram juntos. Augusta Garcia Rocha Dórea faleceu em dezembro de 2007, vítima de complicações oriundas do mal de Parkinson.

<sup>19</sup> O Homem que fareja tesouros brasileiros. Texto de Oswaldo de Camargo. *Jornal da Tarde*, 30/08/1986.

maneira gratuita. Outras estratégias como a consignação ou a permuta ajudavam os pequenos editores a vencerem os percalços da profissão.

Eu deixava os livros na livraria, e isso aconteceu muito com a Enciclopédia do Integralismo, sobretudo no começo da publicação, e depois, em algum tempo, que nunca se sabia ao certo qual era, ia se ver quanto vendeu e se rendeu e era aí que se sabia se havia tido êxito editorial ou não. Se voltasse e não houvesse mais nenhum era sucesso. No entanto, jamais fugíamos da cansativa e triste cena de um filme que eu fiquei cansado de assistir: chegávamos no lugar onde havíamos deixado os livros e perguntávamos ao livreiro: -Vendeu? Sim... Mas todos? Sim, todos! Então quero receber... Mas, hoje não é dia de pagamento! Então quando é para eu vir receber? Isso eu já não sei! – e eu pensava: ser um editor sério, que não se vende ao jogo do sistema é fogo, é nisso que dá! (...) Quer saber, cansei de ver esse filme.<sup>20</sup>

Em outro episódio, em que confessaria ter contado mais com a sorte e menos com o faro, Gumercindo Rocha Dórea leu no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 1960, a opinião de Tristão de Athayde sobre um texto considerado por ele como “demoníaco”. O texto de um autor enleado com desgraças na época, Gerardo Mello Mourão,<sup>21</sup> recentemente saído da prisão havia sido vencido em concurso de romances a que concorrera, perdendo para um romance de Heloneida Studart. Rocha Dórea percebeu a importância do texto e contactou seu autor para editá-lo. Essa foi a primeira parceria entre Gerardo Mello Mourão e Rocha Dórea, livro que posteriormente, a crítica especializada adjetivaria como surreal, místico e, para GRD, *Valete de Espadas*, é ainda hoje considerado um dos mais instigantes livros da literatura brasileira. Com uma tiragem de dois mil exemplares (média inicial dos livros da GRD na época) o livro foi um furor. Mas, a má distribuição impediu que este e os demais livros da editora de Rocha Dórea despontassem e vendessem mais. É o próprio Rocha Dórea que admite: “para um editor que não tem uma grande produção, o nó górdio que o enforca é o da distribuição!”<sup>22</sup>

É de Waldir Ayala a afirmação sobre Dórea: “Os editores brasileiros têm os olhos voltados para a GRD, apostando em sua resistência para continuar lançando os autores que tem lançado (...), pois se trata de uma editora que garimpa tesouros escondidos (...)”.<sup>23</sup> Moacir C. Lopes corrobora o que Ayala diz sobre Dórea:

<sup>20</sup> Entrevista com o depoente. 20/03/2008.

<sup>21</sup> Ver: Apontamentos biográficos de Mello Mourão no quadro da terceira geração. Anexos.

<sup>22</sup> Idem, p.9. Aliás, a distribuição sempre foi o “tendão e Aquiles” da editora.

<sup>23</sup> AYALA, W. Tesouros encontrados, *Jornal da Tarde*, 9/6/1988.

[...] não fossem editores idealistas não teríamos obras mestras de nossa literatura, como a dos destacados: Monteiro Lobato, Augusto Frederico Schmidt, Enio Silveira e Gumercindo Rocha Dórea. (...) No entanto, este último sofre, como todos os que se dedicam aos livros sérios de uma ou duas excentricidades (...) ser integralista não o desabona (...) o que o desabona é permanecer voltado a uma fórmula que raramente poderá dar certo, pois Rocha Dórea, vive e respira o integralismo como o fizera sua vida toda. A má distribuição não é apenas o mal da GRD. Sua ideologia e convicção políticas também afastaram seus interlocutores, claro preconceito que valeu ao editor, a periferia do mercado (LOPES, 1978: 9).

Como a maioria das pequenas editoras brasileiras, a *GRD*, a partir de meados da década de 1960 também passou a contar com a ajuda do USIS da embaixada norte-americana.<sup>24</sup> Como relata o jornalista Oswaldo de Camargo: “era dele uma lista enorme de obras que lhe interessava ver editada no Brasil. Os editores iam e escolhiam o que quisessem. Gumercindo escolheu para editar, entre outras obras de Brezinski e Friedrich o livro clássico *Autocracia e Totalitarismo*, além de *O Soldado Profissional* de Morris Janowitz”.<sup>25</sup> É relevante indagarmos: se a editora de Gumercindo Rocha Dórea recebeu verbas deste órgão governamental é porque revelou-se disposto à servir aos interesses e publicar obras que eram financiadas pelo Serviço de Divulgação e Relações Culturais norte-americano, o que o coloca em sintonia com a propagação ideológica da contenção comunista na América Latina.

Dentre os diversos títulos publicados pela GRD, *O prisioneiro*, *O país dos Mourões*, *O romance modernista de Plínio Salgado*, *Antologia da Ficção Científica Brasileira*, *Um cântico para Leibowitz*, *Contos de Nagô* dentre outros expressam a linha editorial eclética levada a cabo pela editora.<sup>26</sup> Wilson Martins, crítico sempre severo, sintetiza a *GRD* como sendo uma editora renovadora, pioneira e eclética: “uma mistura que faz dos textos publicados por seu editor, algo com qualidade, a despeito das tintas

---

<sup>24</sup> Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos EEUU em suas embaixadas ao redor do mundo. Ver: Oswaldo de Camargo. GRD: um autor teimoso, persistente e quixotesco que há 30 anos procura autores incomuns. Folha da Tarde, 30/08/1986. p. 9. Continuação do texto: O farejador de tesouros brasileiros.

<sup>25</sup> Ver: Oswaldo de Camargo. GRD: um autor teimoso, persistente e quixotesco que há 30 anos procura autores incomuns. Folha da Tarde, 30/08/1986. p. 9. Continuação do texto: O farejador de tesouros brasileiros.

<sup>26</sup> Livros escritos respectivamente por: Rubem Fonseca, Gerado Mello Mourão, Augusta Garcia Rocha Dórea, Gumercindo Rocha Dórea, Walter Miller, Deoscóredes M. dos Santos, o mestre Didi.



carregadas da maioria de seus títulos que ora proselitistas, ora doutrinários refletem sim, a idiossincrasia e a ideologia de seu proprietário” (MARTINS, 1986: 78).

Por um longo tempo, a *GRD* dividiu a incumbência da publicação e distribuição dos textos integralistas e de cunho nacionalista, conservador, enfim, direitista com a *Livraria Clássica Brasileira* editora que viabilizava e publicava livros de valor ideológico e estético claramente proselitista, em favor do integralismo. Especificamente com relação a esta parceria Dórea afirma que as duas editoras, as *Edições GRD* e a *Livraria Clássica Brasileira*, tinham caminhos diferentes, mas com os mesmos objetivos. Relembra o editor: “Relação entre elas? apenas a de amizade e política cultural. Entrelaçamento só houve com relação à distribuição dos volumes, na época da Enciclopédia do Integralismo, por exemplo, e isso por todo o Brasil. E se não me engano outras edições da *GRD* (no princípio de sua atuação) também tinham sua distribuição a cargo da *Livraria Clássica*, mas cada uma seguiu uma característica editorial distinta” (ROCHA DÓREA, 2007).

Com um perfil que oscilou entre o arrojo e a teimosia, buscou ser vanguarda, mesmo sendo acusado de retrógrado, um editor curupira. Em sua caminhada, jamais dividiu a responsabilidade da edição e publicação com nenhum conselho consultivo, ou colegiado que pudesse “palpar sobre as escolhas editoriais”. Como o próprio afirmou,

[...] jamais tive conselho consultivo na *GRD*. Só publicava, como, aliás, processo até hoje, o que eu lia e aprovava. E veja: nunca tomei posição contrária aos autores não integralistas. Este é um ponto que pouco divulgam (...) os perdedores preferem dizer que sou um integralista sectário e que por isso pouco me importo com a boa literatura. As obras é que me interessavam, não as ideologias de seus autores! Já editei textos de integrantes do PCB, por exemplo, a mulher do Rubem Braga, a Zora Seljan, primeira mulher a correr os países da cortina de ferro após a guerra – o que lhe trouxe desilusão e abandono do comunismo, de quem publiquei o livro: *Três mulheres de Xangô*, causando pasmo na intelectualidade carioca de meados dos anos sessenta.<sup>27</sup>

Não nos parece que Rocha Dórea tenha mesmo realizado grandes distinções entre autores, devido às suas ideologias particulares, mas parece-nos difícil acreditar que o seu único critério fosse, de fato, a qualidade literária do autor. Fica difícil

---

<sup>27</sup> Entrevista com o depoente. 04/06/2008.

acreditar que os autores comunistas, socialistas, sociais democratas tivessem o mesmo tratamento e processo de isonomia tão laureado por Rocha Dórea.

Homenageado e laureado por vários legisladores vinculados aos partidos de tendência direitista, Gumercindo relembra experiência recente, quando recebeu uma ordem de jubilo do hoje extinto PRONA – Partido da Reedificação da Ordem Nacional. Rocha Dórea relembra o dia em que recebeu o comunicado da Câmara Legislativa Paulista, com timbre oficial do PRONA informando-lhe sobre a comenda que receberia das mãos do deputado paulista Elimar Máximo Damasceno, na noite de 21 de dezembro de 2006. A Ordem da Renovação, outorga oferecida pelo PRONA para os intelectuais que fizeram a história da direita no país, trazia um texto sugestivo para percebermos as redes de contato entre o presente e o passado da direita brasileira:

- Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, queremos neste momento homenagear uma das mais expressivas editoras brasileiras, a Editora GRD, pela passagem do seu 50º aniversário, e ainda nos congratular com seu fundador e idealizador, Sr. Gumercindo Rocha Dórea. Entendemos, Sr. Presidente, ser dever indeclinável de todos nós, Parlamentares, saudar organizações responsáveis por atividades relacionadas com a produção e difusão da cultura e da educação, sobretudo aquelas que primam pelo nacionalismo. Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, o início das atividades da Editora GRD assinalou novo paradigma do mercado editorial brasileiro: a publicação de obras de ficção científica. Embora ocupando posição marginal na produção editorial brasileira, a ficção científica sempre contou com uma longa e consistente presença na literatura nacional. (...) Construiu uma tradição editorial vinculada e inserida em projetos de afirmação de um nacionalismo cultural, capitalizando, ao longo do tempo, enorme contribuição para o aprimoramento moral da sociedade. Gumercindo Rocha Dórea é um obreiro abnegado de nossa cultura, uma nova mentalidade que se impõe, irrompendo ideologias na arte de edição de livros. O livro, para ele, é verdadeiro apostolado, acreditando, como Monteiro Lobato, que "um país se faz com homens e livros". Portanto, Sr. Presidente, o PRONA reconhece e realça a nossa inclinação por essa estirpe admirável de homens brasileiros que põem tudo a serviço de sua Pátria, como intérpretes da alma nacional, como guardiões de nossa identidade cultural. Transmitimos, outrossim, pelo transcurso da data comemorativa, calorosos cumprimentos a todos os profissionais da Editora GRD, artífices comprometidos com esse louvável esforço de valorização da cultura em proveito da sociedade no Brasil. Deus haverá, na Sua onisciência, de abençoar essa ação profícua. Portanto, parabéns, Editora GRD, parabéns Gumercindo Rocha Dórea. Muito obrigado, Sr. Presidente, e boa noite, família brasileira.

A despeito do longo e laudatório texto, Gumercindo Rocha Dórea, em entrevista em finais de 2008 se diz surpreso por ter recebido tal outorga justificando-se jamais ter mantido contato com nenhuma militante do extinto PRONA. “[...] Foi surpreendente, pois, não conhecia nem este senhor Damasceno, nem nenhum coligado ao extinto Prona

[...] mas nunca houve uma aproximação com o PRONA. A homenagem, aliás, foi feita a minha revelia (...) só tive conhecimento dela quando recebi o texto do discurso”.<sup>28</sup>

Nota-se que no texto descrito acima não há nenhuma menção sobre a clara militância de Rocha Dórea ao integralismo. No entanto, o simples fato de um partido de características evidentemente direitistas como o extinto PRONA oferecer uma comenda, homenagem ou menção, reforça a identificação de que a distinção fora outorgada justamente devido a esta aproximação de Dórea com o movimento integralista. Aliás, foi relativamente estreita a relação estabelecida entre a ala jovem do PRONA e os ditos *neointegralistas* (CARNEIRO b, 2007), grupos que se proliferaram nas grandes cidades do país, (a partir de meados das décadas de 1980/90) e que encontraram interlocução com partidos políticos e associações de caráter extremistas durante os anos 2000.<sup>29</sup>

Exemplos significativos deste redimensionamento da direita no país, os atuantes grupos neo-integralistas ostentam o sufixo *neo* como registro da “auto-capacidade de reciclagem do movimento”. Com discursos bastante variados, mas cujo veio principal se fortalece na atitude saudosista de seus aderentes - aos moldes dos antigos integralistas -, estes têm propagandeado os escritos dos antigos líderes do movimento, em especial os de Salgado e atuado basicamente por meio da *internet*. Com o acirramento e as supostas brigas políticas internas nesses grupos, e com a cada vez menor interlocução com associações e partidos políticos conservadores e mesmo extremistas, tais grupos acabaram perdendo terreno e visibilidade com a extinção do PRONA, devido à controvertida cláusula de barreira, ou porcentagem eleitoral, promulgada em meados de 2006. De qualquer maneira, a distinção oferecida pelo PRONA a Gumercindo Rocha Dórea atesta que as forças de tendência extremistas de direita continuam se contatando e se laureando, reproduzindo em muito os expedientes levados a cabo pelos movimentos análogos desta natureza ao redor do planeta.

Isso nos faz lembrar que Rocha Dórea foi um entusiasta peremptório do golpe civil/militar de 1964, o que ajuda a esclarecer ainda mais a aproximação de partidos de direita frente a sua clara tendência autoritária. Até porque, se buscarmos uma genealogia de sua postura política perceberemos que, entre finais dos anos 1950 e meados da década de 1960 havia três lugares em que o nome de Gumercindo Rocha Dórea era

---

<sup>28</sup> Entrevista com o depoente. 09/03/2008.

<sup>29</sup> Cf: [www.integralismo.org](http://www.integralismo.org)

bastante conhecido e reconhecido: a) no interior do país, devido as reproduções de seus artigos, integralistas e antimarxistas, principalmente aqueles originalmente escritos na revista *Convívio*; b) nas centenas de Centros Culturais da Juventude em alguns embates com nomes fortes do PRP; e c) nos quartéis de algumas divisões das Forças Armadas, sobretudo, do Exército Brasileiro. Isto se devia, basicamente pelo fato de GRD ter apoiado veementemente, o que ele também chamou de “a Grande Revolução” (CARNEIRO, 2007: 10).

Em depoimento à pesquisa da historiadora Márcia Regina Carneiro, GRD é enfático quando questionado sobre sua atuação no período do golpe civil/militar de 1964. Embora bastante incisivo, reflete sobre as consequências, não só para o país, mas como para si próprio, do que considera um erro dos militares ter permitido a ‘re-democratização do país’ (sic). O trecho abaixo sublinha algumas nuances do discurso de Rocha Dórea.

[...] Sim, eu dei apoio à Revolução de 1964. Muito bem! Tempos depois, eu chego na redação da *Convívio*, e vejo que chegou uma carta para mim lá do Exército (...) Eu abro a carta e era um convite para eu almoçar no 2º Quartel, lá no Ibirapuera. Eu fui! Fui recebido por toda a oficialidade. Meus artigos, que escrevia na *Convívio*, estes que eram publicados por todo o país, esse artigos eram lidos e discutidos por esses oficiais (...) me elogiaram, almocei com eles (...) e depois ainda voltei algumas vezes (...)! Agora veja, o negócio da entrega paulatina de poder dos militares para os civis, foi na minha opinião um erro estratégico. Explico: quando entregaram o poder, a esquerda que foi esfrangalhada no golpe de 1964. Um Gel. Me perguntou: vc apoiaria outro golpe, isso no finalzinho dos anos 1970 (...) e eu disse: “de forma alguma General. Na próxima eu fico na minha janela com um fuzil, para me defender (...). Eu não vou, como sacrifiquei minha família, sacrificá-la... Eu não! Fico com o fuzil, senão fazemos outra revolução para os senhores generais entregarem tudo de volta para eles!!! E que agora estão agora sofrendo as consequências (...)! (DÓREA apud CARNEIRO, 2007: 11).

Gumercindo Rocha Dórea apoiou o golpe, acreditou estar do lado certo, teve chances de mudar de ideia, permaneceu do mesmo lado, e hoje, passados quarenta anos, afirma que se solicitado, faria tudo de novo. Com uma diferença: “que antes, todos soubessem a importância que os escritos integralistas tiveram para o país”.<sup>30</sup> Atualmente, para o espanto de muitos, se declara um monarquista e afirma não haver atritos entre esta proposta e o integralismo. Sessenta anos de militância fizeram de seu

---

<sup>30</sup> DÓREA, Gumercindo R. Depoimento, SP, 23/08/2008.

discurso uma das poucas ferramentas ainda respeitadas do espólio integralista. Independentemente de sua escolha, GRD permanece hoje, assinando a grafia de anti-esquerdista e acreditando no integralismo como uma proposta de poder.

Por mais de quarenta anos, Rocha Dórea, a despeito do combate travado por seus pares, por, segundo o próprio, “remar a jusante do real!”, “ora por defender a doutrina integralista, ora por acreditar em ficção”, sempre afirmou que suas maiores paixões eram extremadas justamente por essas duas balizas: “o integralismo e os autores que lançava, sobretudo os poetas e escritores de ficção científica” (ROCHA DÓREA, 2008). Os livros das *Edições GRD* que reproduziam as ideias do catolicismo tradicionalista e do nacionalismo exacerbado, com larga passagem pelos escritos integralistas e de ficção científica (contraditório?), fizeram dela, uma editora proscrita.<sup>31</sup> Publicações tão díspares no seu conteúdo incentivaram comentários críticos por parte de alguns estudiosos, jornalistas e militantes.

Com relação a esta suposta contradição, Rocha Dórea tem uma percepção curiosa:

Não entendo porque acham que publicar sobre integralismo e ficção científica é uma contradição. Senão veja: se você tiver curiosidade verá que a ficção científica que eu publicava, via de regra, corroborava a corrida armamentista espacial mais pro lado dos norte americanos, em franca oposição aos Sputniks soviéticos. O anticomunismo sempre esteve à frente disso tudo. Ora! nada mais integralista, anticomunista e consciente que isso. Agora, depois não... com o tempo o verniz foi desbotando... mas está tudo lá... é só ler pra ver... contradição alguma! Oras! (DÓREA, 2009).

De qualquer maneira, causa no mínimo estranhamento posições, a primeira vista, tão díspares partirem de um mesmo personagem. O caráter conservador e muitas vezes reacionário das obras editadas pela *Edições GRD* antagoniza com as brochuras futuristas, de textos ficcionais cuja essência poderia ser interpretada como oposta aos teores dos livros nacionalistas, tradicionalistas e pouco progressistas da editora. O fato deste personagem viver nesta fronteira ambígua entre o conservadorismo das ideias

---

<sup>31</sup> Além das Edições GRD, poucas editoras como a José Olympio e a Civilização Brasileira permanecem no mercado até os dias atuais, a despeito dos poucos títulos na praça. Ver reportagem do crítico literário José Seffrin em: Folha da Tarde. 21/07/2001, p.9. “O século 21 não comporta mais editores, com as idiossincrasias, com o quixotismo e á maneira de um Enio Silveira (Civilização Brasileira), um José Olympio, um Gumercindo Rocha Dórea (GRD), que são figuras de outro tempo, e que pertencem mais à história da literatura do país que á atualidade”.

tradicionalistas e nacionalistas e um suposto progressismo futurista só faz aumentar o interesse que a academia tem dispensado a indivíduos como Rocha Dórea.

Mary Elizabeth Ginway, pesquisadora norte americana que leciona Machado de Assis na Universidade da Flórida, lançou recentemente um livro em que retoma parte da trajetória de Rocha Dórea como precursor do gênero de ficção científica no país. Em, *Ficção científica brasileira - Mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*, Ginway aponta a criação das *Edições GRD* e sua predileção por publicar ficção científica como uma “verdadeira revolução tropical que não passou pelas hostes políticas” (GINWAY, 2007: 78). A autora acrescenta:

Nos anos 60, Gumercindo Rocha Dórea criou a editora que leva suas iniciais, a GRD, e bancou o lançamento de toda uma geração de escritores para o espaço sideral. Desse ponto em diante, o estilo alternou bons e maus momentos no Brasil. A ficção científica publicada pela GRD é, sem dúvida, um barômetro para medir a reação brasileira à modernização. Nesse tempo, o editor Gumercindo Rocha Dórea desafiou toda uma geração a escrever ficção científica. O que defendo em meu estudo é que esses autores, com sua visão brasileira de mundo, transformaram os padrões e os ícones da ficção científica. Por tudo isso reputo as Edições GRD como fundamental para desenvolver o gênero e dar impulso à nova geração dos 70, 80 e 90. Ela organizou livros como *Antologia brasileira de ficção científica* (1961) e *Histórias do acontecerá* - em que aparece o conto *Ma-hôre*, de Rachel de Queiroz. Só isso o põe em distinta evidência.

A autora também afirma que para se entender ficção científica é preciso que se pressuponha a existência das ciências ou de uma visão científica do mundo. Ela pode se misturar com outros gêneros - horror, fantasia, utopia etc. -, mas sempre há alguma conexão com a ciência. É como Rocha Dórea dizia quando perguntado sobre o que ele pensava sobre um homem ser, simultaneamente, integralista e editor de ficção científica. Questionado pela suposta ambivalência de suas atitudes, Dórea exclamou:

Utopias e distopias sempre fizeram parte do gênero humano e eu não fujo desta regra (...) sou sim, mais ligadas à tradição do discurso político e ao contrato social. Mas não vejo problema algum você possibilitar acordos entre a fantasia e a realidade. Veja o exemplo: de George Orwell, no livro **1984, ele procurava um senso de maravilha, mas simultaneamente, nos passava uma** sensação de estranha familiaridade, pois o texto é a extrapolação de uma realidade política transformada pela imaginação do autor. A ficção científica brasileira tem a mesma iconografia e segue uma trajetória similar à das tradições européia e americana, só que ambientada numa realidade brasileira (ROCHA DÓREA, 2008).

---

Idem, p.78. Ver nos capítulos 2, 3 e 5 diversas passagens em que a autora cita a GRD como precursora do movimento no país.

Chama a atenção que o editor permaneça sendo homenageado e laureado em eventos especiais do gênero no país. Em julho de 2007, os organizadores do 15.º Encontro Internacional de RPG, ocorrido em São Paulo, realizaram um Simpósio de Ficção Científica em que o Clube de Leitores de Ficção Científica, renomada instituição do gênero no país programou uma edição especial do seu fanzine *Somnium* (que existe desde 1985), para comemorar a chegada do seu número 100. Essa edição foi dedicada ao trabalho de Gumercindo Rocha Dórea com a ficção científica. Pendular entre os textos de espectro direitista, sobretudo os nacionalistas publicados por Plínio Salgado e seus simpatizantes (daí sua vinculação direta com o integralismo dos anos 50 e 60) e a literatura fantástica da ficção científica, Gumercindo Rocha Dórea é direto na resposta quando indagado sobre qual das duas ocupações mais lhe apraz.

Com relação aos autores por mim editados, há ainda muita coisa por ser vista, escrita e revisada... de maneira que uma história desta parte de minha vida ainda está por ser escrita. Mesmo minha passagem pela FC. No entanto, do outro lado do pendulo, me deixa muito tranqüilo o fato de parte importante da história e da vida política do Brasil no século 20 estar concentrada e inventariada na cidade paulista de Rio Claro. Estou falando do acervo de Plínio Salgado e do integralismo que desde começos dos anos 2000 está lá à disposição dos estudiosos em geral. (...) Em uma palestra que proferi lá no Arquivo houve um episódio interessante: eu fui entrevistado pelo jornal local e questionado se eu teria me tornado o portador das mensagens do integralismo, após a morte do chefe Plínio Salgado. Respondi de bom grado: trabalhei ao lado dele na direção do jornal "A Marcha", e ajudei, juntamente com sua esposa, a Carmela Patti Salgado, a criar a Editora Voz do Oeste, destinada a republicação das obras de Salgado. Afora isso, sou apenas uma voz forte disseminando a ideologia que acredito. Então, a GRD tem esta tarefa! Digo, esta missão, levar o integralismo, o nacionalismo e as estruturas do bom ensino para os rincões do país, hoje cada vez mais sem fronteiras (ROCHA DÓREA, 2008).

Não nos resta dúvida que a ficção científica foi uma ocupação de rentabilidade oscilante, mas muito prazerosa para Dórea. Das empresas editoriais inauguradas em meados de 1950, as *Edições GRD* é uma das únicas que permaneceram no mercado (GINWAY, 2007, 76). Comercializando seus livros com, “vendas a balcão, como assevera seu proprietário”, continua suas atividades a despeito de possuir pouco mais de 40 títulos em seu catálogo corrente, na maioria reedições de clássicos da ficção científica e sobre o integralismo.

Já, a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* tornou-se o maior êxito de vendas da empresa, tornando-se uma vitrine da doutrina integralista, resumizando

grande parte de seus ideais. Nos seus volumes compreendemos a persistência de um homem em publicar temas que já se faziam anacrônicos no período em que foram selecionados. O homem que pensava estar selecionando o passado do integralismo, visando com isso doutrinar os mais jovens e o futuro do movimento, assistiu a vendagem de seus pouco mais de 50 mil exemplares e quase caiu no esquecimento.

Se a editora e o editor transitaram entre a ficção e o proselitismo, foi no projeto que uniu ambas as fórmulas que a GRD encontrou seu maior êxito. A publicação da *Enciclopédia do Integralismo* transformou-se no maior êxito de vendas da empresa, tornando-se uma vitrine da doutrina integralista, resumindo grande parte de seus ideais.

Esta pesquisa valoriza sua trajetória, mas não objeta a ideia de que o futuro do movimento integralista não estava como ele mesmo afirmara contido nos volumes da *Enciclopédia do Integralismo*, nem tampouco nas futuristas historietas de Ficção Científica. Seu passado sim expressou o conteúdo de todos os volumes. Cinquenta e cinco anos após sua inauguração, a GRD é apenas, como afirma seu próprio idealizador: “um fantasma ululante, frente aos grandes conglomerados editoriais” (ROCHA DÓREA, 2008), e permanece como tal, dialogando com interlocutores baseados no saudosismo de um tempo que não volta mais. Trata-se de um homem persistente cujas convicções o fazem tão combativo quanto contestado. Em tempos de rememoração, GRD (O homem e a editora) certamente aparecem como fundamentais personagens para o entendimento de uma das faces menos estudadas da segunda metade do século XX no Brasil.

## **Referências**

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BOURDIEU, Pierre – “Campo de poder, campo intelectual e *habitus* de classe”. In: **A economia das trocas simbólicas**. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1982. Pp. 183/202.

BRANDI, Paulo & SOARES, Leda. *Plínio Salgado*; LEAL, Carlos Eduardo e FLAKSMAN, Dora. *Partido de Representação Popular*. In: Fundação Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e História Contemporânea do Brasil. Dicionário Histórico



Biográfico Brasileiro. (Pós 1930). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, Coord. Alzira Alves de Abreu. [et al]. RJ, FGV-CPDOC 2001. p 181-209 e 978-979, respectivamente, 5 vols.

CALIL, Gilberto Grassi. **Integralismo e Hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)**. Cascavel: Edunioeste, 2010.

CARNEIRO, Márcia Regina. **Sigma ao Sigma - entre a anta, a águia, o leão e o galo - a construção de memórias integralistas**. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil. 2007.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A controvertida trajetória das *Edições GRD* – entre as publicações nacionalistas de direita e o pioneirismo da Ficção Científica no Brasil**. Revista Miscelânea. Unesp/Assis. Set. 2010.

\_\_\_\_\_. **As celebrações do Jubileu de Prata (1957-1961)**. Dissertação de Mestrado. Unesp, 2001.

DÓREA, Gumercindo Rocha. **Ora direis: ouvir orelhas que falam... de livros, pessoas e idéias**. Edições GRD, 2002.

GOMES, Ângela de Castro **História e Historiadores: políticas culturais do Estado Novo**. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

GYNWAY, Mary Elizabeth. **Ficção científica brasileira - Mitos culturais e nacionalidade no país do futuro**. São Paulo. Library Thing, 2007.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil - uma história**. Edusp, São Paulo, 1981.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.